

# Quando a Lâmina Aprendeu a Voar

Capítulo Quatro - versão integral e estendida



O penúltimo capítulo da história de Kraw: luto, combate, grandes revelações, a ameaça à Travessa, o caso de Liora e o nascimento de um amor que não apaga ninguém.

## Sumário

|     |                                                                                                                   |
|-----|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| I   | <b>Continuação do Nono Vitral</b><br>A batalha termina, e a morte de Iria é confirmada.                           |
| II  | <b>Luto e legado</b><br>Funeral, Caderno das Margens e a acusação deixada por Iria.                               |
| III | <b>Nós do Coro</b><br>A ameaça se espalha por Vespera e alcança a Travessa.                                       |
| IV  | <b>Horizonte Partido</b><br>Kraw e Pandora constroem uma sintonia de combate sem retirar a autonomia um do outro. |
| V   | <b>O caso de Liora</b><br>A música abre a Margem Nula e revela Seraphine e Elias.                                 |
| VI  | <b>A queda de Dorian</b><br>A Casa dos Afinadores e as grandes revelações do penúltimo capítulo.                  |
| VII | <b>Antes do último palco</b><br>O capítulo termina exatamente no primeiro beijo de Kraw e Pandora.                |

## Trava de continuidade

- O texto começa no último segundo do Capítulo 3, com a segunda lâmina descendo na Câmara do Nono Vitral.
- A morte de Iria é confirmada e tratada como perda permanente.
- A relação de Kraw e Pandora cresce ao longo de quarenta e nove dias; Pandora não ocupa o lugar de Iria.
- O caso de Liora fornece a pista central para a futura aventura de Pandora, mas a expedição a Cérulo ainda não começa.
- Dorian é resolvido como antagonista secundário. O Crítico Cinzento permanece para o capítulo final.
- O último acontecimento do capítulo é o beijo. Não há epílogo ou diálogo posterior.

## I. A segunda lâmina

A segunda lâmina desceu antes que Kraw pudesse alcançar Iria.

Ela não caiu como metal. Caiu como uma decisão tomada por outra pessoa. O pássaro do Nono Vitral arrancara a própria asa de vidro e a transformara numa faixa de ausência que não atravessava o espaço: retirava do espaço a obrigação de existir entre origem e destino. Pandora viu o padrão primeiro. Abriu os braços, ainda meio asas, e lançou um contracanto contra a borda escura. O Desatamento encontrou o Traço, mas a Âncora mudara de lugar e o feixe se dividiu em três.

- Esquerda! - gritou ela.

Kraw não perguntou para quem. Girou a rapieira, acertou a linha que Pandora expusera e sentiu a lâmina tocar algo sem peso. A primeira parte do golpe desviou para o teto. Lucian, ainda contra a parede, rolou sob a segunda. A terceira passou por Nessa e apagou metade da palavra que ela gritava. Por um instante, todos lembraram que Nessa abrira a boca, mas ninguém soube o que deveria ter saído dali.

Ravena atravessou a abertura atrás do vitral e atacou a mão humana presa ao mecanismo. O homem oculto soltou uma peça de chumbo. O Coro Oco cambaleou. Pandora viu, através do vínculo com o corvo, o brilho de uma manga cinzenta e um rosto parcialmente coberto por uma máscara de trabalho. Não viu o suficiente para nomear Dorian. Viu apenas intenção: alguém tentava desligar a Câmara tarde demais.

Kraw avançou. Cada Eco sem rosto escolheu uma memória para usar contra ele. Um moveu a perna como Garran. Outro segurou um caderno como Iria. O terceiro inclinou a cabeça do modo exato com que Seraphine dizia que ele estava prestes a errar. Kraw sentiu a raiva oferecer ao padrão uma linha limpa. Lembrou-se do aviso de Pandora: misture. Então atacou com reverência e brutalidade, com luto e cálculo, com um floreio que terminava num golpe curto de cotovelo. A criatura falhou ao tentar decidir qual emoção copiar.

Pandora pousou ao lado dele em forma humana, joelhos flexionados, cabelos soltos, olhos fixos nos fios de Ressonância.

- O quarto nicho ainda é a Âncora visível - disse. - Mas existe outra atrás do vidro. Eu abro. Você corta.

- Como sabe que vou encontrar?

- Porque já encontrou duas vezes antes de perceber que eu estava mostrando.

Não era momento para sorrir. Kraw sorriu mesmo assim. Pandora ergueu as mãos. O ar se encheu de linhas finas, algumas douradas, outras negras, todas vibrando no mesmo ritmo falso. Ela puxou duas para direções opostas. O Coro tentou alimentar-se do Desatamento, mas Kraw entrou entre Pulso e Eco antes que a cooperação se completasse. Sua rapieira riscou o vazio. Pela primeira vez, o golpe não pareceu completar uma frase; pareceu abrir uma margem.

O Nono Vitral rachou do centro às bordas. A luz voltou por uma fração de segundo. Nessa recuperou a palavra perdida e gritou o nome de Iria.

Kraw olhou.

Atrás do altar partido, Iria permanecia imóvel, uma mão fechada sobre a placa de catálogo, sangue escurecendo o tecido junto às costelas. A visão tentou transformar todo o resto em ruído. Pandora percebeu e segurou o ombro de Kraw com força.

- Mais um nó - disse. - Depois você vai até ela.

- Agora.

- Se for agora, o Coro chega primeiro.

A resposta era cruel porque era verdadeira. Kraw voltou para a luta com o rosto de Iria gravado atrás dos olhos.

## II. O instante em que Corven parou

O último nó se rompeu quando Ravena soltou do alto a peça de chumbo que arrancara do mecanismo. Pandora abriu o padrão. Kraw o cortou. Lucian atravessou a cópia que ainda usava sua postura. Nessa jogou o Caderno das Margens para Corven antes que o chão voltasse a inclinar. O Coro Oco perdeu forma em sete direções diferentes, não como corpos derrotados, mas como reflexos abandonados por um espelho quebrado.

O silêncio seguinte foi pior que o combate.

Kraw alcançou Iria primeiro. Caiu de joelhos no vidro e não sentiu os cortes. Ela estava de lado, o rosto voltado para a pedra, a respiração pequena demais para sustentar o corpo. Quando ele a virou, Iria abriu os olhos apenas o suficiente para reconhecê-lo.

- A placa - murmurou.

- Está aqui.

- Os nomes...

- Estão aqui.

Ela tentou olhar para o caderno nas mãos de Corven. Kraw tomou a mão dela.

- Você também está aqui.

Iria pareceu querer corrigir a frase. Não conseguiu. Seus dedos pressionaram os dele uma única vez.

Corven afastou Kraw com uma autoridade que nenhum dos presentes teria ousado discutir. Cortou tecido, comprimiu a ferida, pediu água, pano, luz. Pandora desatou o resíduo que ainda mordida as bordas do corte. A técnica não curava carne; impedia que a ausência continuasse apagando a relação entre o corpo e a própria capacidade de se recompor. Lucian sustentou a lanterna. Nessa segurou o ombro de Iria. Kraw fez tudo o que Corven mandou e continuou pedindo novas ordens quando já não havia nenhuma.

A respiração de Iria parou sem gesto grandioso.

Corven continuou tentando. Pressionou. Contou. Recomeçou. Pandora ajoelhou-se do outro lado, olhos fixos no Traço residual, procurando um fio que ainda cooperasse com o Pulso. Ravena pousou perto da cabeça de Iria e ficou imóvel, como se até o corvo soubesse que qualquer som seria indevido.

Depois de algum tempo, Corven parou.

Não foi a quietude de quem desiste. Foi a imobilidade de alguém que chegou à fronteira do próprio ofício e a reconheceu contra a vontade.

Kraw disse o nome dele.

Corven não respondeu.

- Continue.

Corven fechou os olhos.

- Kraw.

- Continue.

- Não há mais algo que eu possa tratar.

A frase não mencionava morte. Não precisava. Kraw olhou para Iria como se aguardasse que ela corrigisse Corven, como corrigira listas, datas, categorias, frases mal sustentadas. O rosto dela não mudou. A mão permanecia dentro da dele e já começava a perder o calor que ele julgava indispensável ao mundo.

Pandora percebeu que Kraw estava prestes a quebrar de uma maneira que barulho nenhum revelaria. Não o abraçou. Não disse que entendia. Apenas tirou o próprio manto e o colocou sobre os ombros dele, sem separar suas mãos das de Iria. Depois se levantou e voltou-se para a Câmara.

Fragmentos do Coro ainda tremiam nas juntas do vitral. Alguém precisava impedir que escapassem. Pandora assumiu a tarefa porque era a única forma de permanecer ao lado de Kraw sem invadir o lugar que não lhe pertencia.

Dália chegou quando as portas foram abertas. Encontrou a filha coberta pelo manto de uma mulher desconhecida, Kraw ajoelhado no vidro e Corven sentado contra a parede com as mãos sujas. Não gritou. Caminhou até Iria, tocou-lhe a testa e depois olhou para a placa de catálogo ainda presa entre os dedos dela.

- Até o fim - disse Dália.

Ninguém perguntou a quem se dirigia.

### III. A manhã sem restauração

O amanhecer chegou à Travessa das Sete Lanternas sem ter sido convidado.

Garran abriu a porta da oficina antes de Kraw tocar. Deve ter visto o grupo subindo a rua: Lucian carregando o Caderno, Nessa sem uma das mangas, Corven com o rosto de quem já dera a pior notícia possível, Pandora ao lado de Kraw e Ravena voando baixo. Deve ter contado as ausências. Não perguntou por Iria.

Mirella apareceu atrás dele. Liora desceu os degraus do sótão com o violino ainda na mão, como se tivesse parado no meio de uma escala. Kraw atravessou a oficina e colocou sobre a mesa a pequena peça de bronze que Iria usava para prender folhas soltas. Era o único objeto dela que trouxera sem autorização, o único que Dália colocara na mão dele antes de fechar o salão do corpo.

- Ela morreu - disse.

A frase pareceu ter sido feita para outra boca.

Mirella o abraçou. Kraw permaneceu rígido por um instante e depois desabou sem cair, o rosto contra o ombro da mãe, a respiração se partindo em silêncio. Garran fechou a porta, baixou as cortinas e colocou a chaleira no fogo. Seu modo de lidar com catástrofes continuava material: trincos, água, cadeiras, coisas que podiam ser movidas quando o mundo não podia.

Pandora esperou perto da entrada. Não conhecia aquela família o bastante para atravessar a dor sem permissão. Liora foi quem a chamou.

- Você estava lá?

- Estava.

- Tentou ajudar?

Pandora sustentou a pergunta. Havia acusação e esperança misturadas, e qualquer resposta que limpasse demais o próprio papel seria desonesta.

- Tentei. Não consegui impedir.

Liora a observou longamente. Depois assentiu, não como quem perdoa, mas como quem registra uma verdade difícil.

Nos três dias seguintes, Kraw quase não saiu da casa. Dormia pouco, comia porque Mirella colocava comida perto dele e respondia quando alguém o chamava pelo nome. Pandora permaneceu no bairro, mas não na oficina. Ajudou Corven a catalogar resíduos do Coro, acompanhou Lucian à Ópera, levou mensagens para Dália e vigiou os telhados em forma de águia. Toda vez que via Kraw pela janela do sótão, recuava antes que ele pudesse notar.

Nessa percebeu.

- Você sabe que esconder-se em forma de águia ainda conta como esconder-se.

Pandora pousou no parapeito do Palco da Lanterna e voltou à forma humana.

- Estou dando espaço.

- Espaço não é o mesmo que ausência.

- Sei.

- E você gosta dele.

Pandora olhou a chuva.

- Eu me interessei por ele antes de Iria morrer. Isso não me dá o direito de transformar o que aconteceu em oportunidade.

Nessa não fez piada.

- Então não transforme. Mas também não decida por ele que sua presença é ofensiva.

Pandora pensou em Elias, em todas as pessoas que haviam evitado dizer o nome dele por medo de feri-la. O silêncio delas nunca a protegera. Apenas tornara o desaparecimento mais solitário.

Naquela tarde, ela subiu ao sótão e bateu.

Kraw abriu a porta. Parecia ter envelhecido não anos, mas profundidade. Pandora entregou-lhe uma caixa de Dália com o Caderno das Margens e uma folha dobrada.

- Ela disse que Iria queria que você lesse isto se alguma coisa acontecesse.

Kraw não abriu.

- Fique - pediu.

Pandora entrou e sentou-se no chão, longe o bastante para não exigir nada. Durante uma hora, nenhum dos dois falou.

## IV. Folha incompleta



*Iria Salvat permanece no centro moral do capítulo mesmo após a morte.*

O funeral de Iria aconteceu no Salão do Pássaro Canoro sete dias depois.

Dália recusou a ornamentação oferecida pela Ópera. Não queria colunas de flores caras nem discursos de patronos que haviam passado anos ignorando as advertências da filha. Em torno do corpo, colocou documentos restaurados por Iria: um mapa salvo de mofo, uma partitura reconstruída a partir de três fragmentos, cartas de trabalhadores do cais, programas de peças proibidas durante a Noite dos Sinos Partidos. Cada objeto dizia que Iria dedicara a vida a impedir que o dano fosse confundido com inexistência.

Sobre o peito dela havia uma folha de ouro aplicada pela metade.

- Restauração não é fingir que algo nunca quebrou - explicou Dália. - Iria sabia disso melhor do que eu. A parte sem ouro permanece visível porque a falta também pertence à história.

Kraw foi o último a falar. Passara a manhã escrevendo e rasgara todas as versões. Diante das pessoas, abandonou as frases preparadas.

- Iria não gostava quando eu preenchia lacunas com poesia. Dizia que era uma forma elegante de falsificação. Então vou falar do que sei. Sei que ela contava discrepâncias e fingia que dezenove não era obsessão. Sei que

corrigia datas como quem defendia pessoas. Sei que respeitava ferramentas, desconfiava de promessas e fazia uma xícara de infusão tão amarga que talvez ainda esteja terminando de me ofender. Sei que ficou quando podia ter saído. Sei que salvou nomes de pessoas que nunca conheceria. E sei que eu queria tempo.

Ele parou. O Salão permaneceu quieto.

- Queria descobrir como ela ria quando não tentava impedir. Queria levá-la à Travessa sem que fosse por investigação. Queria ouvir a próxima correção. Não tivemos isso. Não vou transformar o que não tivemos em uma história maior do que foi. O que tivemos já era verdadeiro.

Pandora observava do fundo, perto de Ravena. Não sentiu ciúme. Sentiu vergonha de ter temido sentir ciúme. O amor de Kraw por Iria, ainda sem nome completo, não diminuía ninguém. Era parte do homem que Pandora admirava: a recusa em possuir até a memória.

Depois da cerimônia, Dália entregou a Kraw a folha que Pandora levava ao sótão. Era uma nota de Iria, escrita antes de subirem ao Nono Vitral.

"Kraw. Se eu estiver errada, queime isto e me permita a humilhação privada. Se eu estiver certa, Dorian Lys usa o douramento para ocultar não objetos, mas mudanças de relação. Procure as margens dos registros devolvidos. E não deixe que ninguém transforme minha morte, se ocorrer, em argumento para deixar de viver. Isso seria uma falsificação insuportável."

Kraw leu duas vezes. Na terceira, entregou o papel a Pandora.

- Ela escreveu "se ocorrer" como se pudesse catalogar a própria morte.
- Talvez estivesse tentando impedir que outra pessoa a catalogasse por ela.

Kraw fechou os olhos.

- Não sei o que faço com a última frase.
- Não precisa fazer nada hoje.
- E amanhã?

Pandora devolveu o papel.

- Amanhã ainda será cedo. Depois de amanhã também. Um dia, não será. Você não precisa descobrir qual antes de chegar.

Kraw olhou para ela com gratidão dolorosa.

- Você fala como alguém que esperou muito.
- Dois anos.

Foi a primeira vez que Pandora contou a ele, sem resumo, o modo como Elias desaparecera. Falou até o Salão esvaziar. Kraw escutou sem tentar tornar a história bonita. Quando ela terminou, os dois estavam sentados no degrau onde Iria caíra uma semana antes, e o silêncio entre eles já não era distância.

## V. O caderno de Iria

A primeira grande descoberta veio do Caderno das Margens.

Iria havia marcado vinte discrepâncias, não dezenove. A vigésima permanecia numa folha solta escondida na capa: "Um homem permaneceu na sala depois de o volume ser deslocado. A equipe agiu como se isso não fosse escolha." Abaixo, três iniciais foram apagadas com uma técnica de abrasão. Dália reconheceu a pressão da pena. Lucian reconheceu a forma de preencher o "L". Pandora reconheceu a Cicatriz de Ausência nas fibras.

Dorian Lys.

A nota de Iria indicava ainda quatro conjuntos de números ligados a devoluções de materiais: uma moldura, um tecido de cena, um cilindro de música e uma peça de treinamento. Papel, tecido, som e corpo. Seraphine havia dividido a Décima Terceira Voz entre suportes que não sabiam ser suportes. O papel estava no Caderno. O tecido, segundo Mirella, podia estar no forro do casaco que Kraw usara na apresentação final da mentora. O som vivia na composição incompleta de Liora. O corpo existia nos movimentos de Kraw, ensinados como técnica e nunca como verso.

- Ela transformou pessoas em esconderijos - disse Kraw.

- Não - respondeu Pandora. - Transformou relações em esconderijos. Nenhum suporte basta sozinho. O padrão só existe quando vocês cooperam.

- Isso é melhor?

- Não sei. Mas explica por que o Véu Cinzento observa sua família em vez de simplesmente roubar um objeto.

O forro do casaco continha treze pequenos reparos, cada um feito com linha de cor ligeiramente diferente. Mirella lembrava-se de ter costurado doze. O décimo terceiro fora acrescentado por Seraphine durante uma noite no Palco. Quando Pandora abriu o ponto, não encontrou palavras. Encontrou um intervalo de tecido que resistia a ser medido: uma margem sem largura estável.

- Cicatriz de Ausência - murmurou.

Kraw tocou o forro.

- A mesma coisa que ficou onde Elias desapareceu?

- Da mesma família. Não necessariamente da mesma mão.

O Caderno reagiu ao tecido. As páginas viraram até uma lista de nomes salvos por Iria no Nono Vitral. Ao lado de quatro deles surgiram marcas de tinta fresca, como se alguém escrevesse do outro lado do papel. Uma palavra repetiu-se:

"NÓS."

Nessa leu em voz alta.

- Nós como plural ou nós como coisa amarrada?

- Os dois - disse Pandora. - A técnica quer que a linguagem faça o trabalho de duas instruções ao mesmo tempo.

Kraw segurou a placa de catálogo que Iria arrancara do nicho. No verso, sob o sangue já escurecido, havia uma sequência de pequenos cortes. Pandora os comparou ao Livro das Margens Altas. O Inscrito respondeu com uma frase curta:

"A ausência não viaja sozinha. Ela deixa filhos."

Naquela noite, três pessoas na Travessa esqueceram o rosto de alguém que conheciam havia anos.



## VI. Rostos errados na Travessa

O ataque começou na banca de Tessa.

Bram Olt estava comprando flores secas para uma história que ainda não decidira se era romântica ou funerária quando viu Garran Savage atravessar a rua. Cumprimentou. Garran não respondeu. Isso não seria estranho, exceto pelo fato de o homem caminhar sem a antiga limitação da perna.

Tessa percebeu antes de Bram. Derrubou um vaso no caminho da cópia. O falso Garran desviou com perfeição excessiva. O verdadeiro teria reclamado do desperdício antes de se mover.

- Não é ele - disse Tessa.

O rosto da criatura permaneceu. O comportamento se partiu. Ela abriu a boca e repetiu, na voz de Kraw, uma frase ouvida anos antes: "Uma espada não precisa de aplausos. Precisa voltar para a bainha com o dono vivo."

Então outros apareceram.

Uma Mirella sem tinta nas unhas. Uma Liora que segurava o arco com a mão errada. Um Corven que sorria para desconhecidos. Pessoas conhecidas com detalhes corretos e relações defeituosas. A Travessa se encheu de gritos, portas fechadas e moradores incapazes de decidir quem proteger.

Pandora mergulhou dos telhados em forma de águia. Via diferenças que o chão escondia: as cópias não projetavam o mesmo desenho térmico sobre as poças; cada uma carregava um pequeno vazio onde deveria existir a soma de vínculos humanos. Ravena atacava olhos, fivelas e fios escuros que surgiam atrás das orelhas.

Kraw chegou com Lucian e Nessa. Ao ver a cópia do pai, quase caiu no mesmo erro do Nono Vitral. A criatura usava lembranças como armadura. Pandora pousou no ombro dele por um segundo e transmitiu direção: não rosto, não voz, nuca.

Kraw fingiu acreditar.

- Pai - chamou.

A cópia voltou-se. Ele abriu a guarda como filho, não como duelista. Quando a criatura avançou, Pandora retornou à forma humana atrás dela e traçou o Desatamento na base do crânio. Um fio cinzento apareceu. Kraw o cortou sem tocar carne.

A cópia de Garran se desfez em folhas molhadas, pedaços de vidro e uma frase incompleta.

- Isso - disse Pandora, ofegante. - De novo.

Eles repetiram com Mirella, Corven e duas figuras de moradores. Pandora revelava o Traço oculto; Kraw entrava no intervalo. A cada repetição, os dois precisavam de menos palavras. No sexto confronto, Kraw começou o golpe antes de Pandora terminar o gesto. No sétimo, ela mudou de forma no espaço que ele abrira sem sequer olhar.

Lucian, lutando ao lado de Nessa, encontrou tempo para notar.

- Isso é ofensivamente eficiente - disse.

- Reclame depois - respondeu Nessa.

A última cópia era de Iria.

Ela surgiu no fim da rua, segurando o Caderno contra o peito. Não tinha ferida. Olhou para Kraw com a expressão exata do dia em que ele devolvera a lista.

- Você confiava em mim - disse.

Kraw parou.

Pandora não avançou. Qualquer ordem vinda dela poderia soar como disputa com uma morta. Em vez disso, falou para a cópia:

- Diga o nome da mãe dela.

A criatura sorriu.

- Isso é irrelevante.

Kraw fechou os olhos. Iria jamais trataria relação como irrelevante.

Ele avançou. Pandora abriu o fio. A rapieira cortou o padrão.

Quando tudo terminou, Kraw permaneceu diante dos papéis que haviam imitado Iria. Pandora aproximou-se devagar.

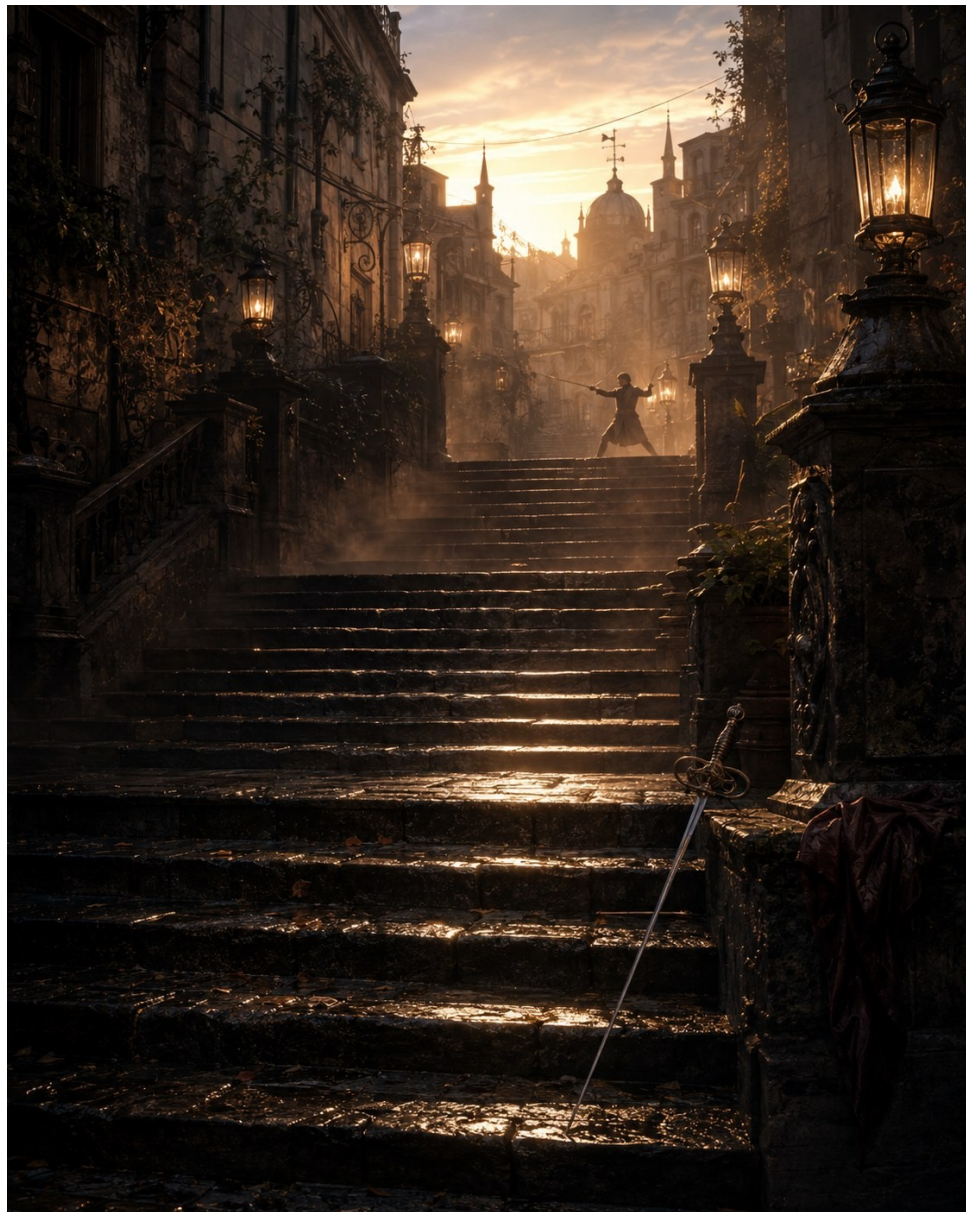
- Obrigado por não ter me mandado atacar - disse ele.

- A escolha precisava continuar sendo sua.

Kraw olhou para ela. Naquela noite, a técnica recebeu um nome dado por Liora, que assistira da janela:

Horizonte Partido.

## VII. Horizonte Partido



*A Escadaria das Chuvas torna-se campo de treino e, no fim, cenário da escolha entre Kraw e Pandora.*

Garran insistiu que uma técnica conjunta precisava sobreviver ao treino antes de ser considerada técnica.

Por vinte manhãs, Kraw e Pandora encontraram-se na Escadaria das Chuvas. Ele praticava deslocamento sobre pedra molhada; ela aprendia a mudar de forma sem perder a leitura dos quatro princípios. Ravena julgava todos do alto de um lampião. Garran corrigia os pés de Kraw e a aterrissagem de Pandora com a mesma ausência de delicadeza.

- Você abre demais o ombro antes de virar água - disse ele.
- Meu ombro vai deixar de ser ombro.
- Antes disso ainda é ombro.

Pandora gostou imediatamente de Garran porque ele não demonstrava qualquer reverência pelo extraordinário.

A técnica dependia de confiança específica. Pandora precisava expor a linha central de uma manifestação sem terminar o Desatamento; Kraw precisava cortar naquele intervalo antes que o feitiço se reorganizasse. Se agisse cedo, atingia apenas aparência. Se agisse tarde, o padrão absorvia o esforço. Os dois treinavam com ilusões construídas por Nessa, mecanismos de Corven e exercícios de ritmo criados por Liora.

No início, Kraw procurava Pandora com os olhos. Depois passou a reconhecer a mudança de pressão quando asas se abriam atrás dele. Pandora, por sua vez, aprendeu a sentir no chão o instante em que a ponta da rapieira encontrava o eixo. A técnica não era destino. Era repetição, erro, conversa e atenção. Parecia destino porque se tornava natural rápido demais.

Entre um treino e outro, conversavam.

Kraw falava de Iria quando precisava e de qualquer outra coisa quando não conseguia. Pandora nunca fingia esquecer. Contava histórias de Elias: o modo como ele assobiava para disfarçar medo, a mania de devolver livros com folhas prensadas, o hábito de subir em lugares altos sem possuir qualquer habilidade de voo. Kraw escutava. Às vezes perguntava. Às vezes apenas permanecia.

Numa manhã, ele disse:

- Tenho medo de começar a ficar bem.

Pandora sentou-se num degrau, cabelos molhados, luvas entre as mãos.

- Porque parece traição?

- Porque ela não pode melhorar comigo.

- Iria escreveu que não queria virar argumento para você deixar de viver.

- Saber não impede sentir.

- Não. Mas impede que você chame culpa de homenagem.

Kraw levou algum tempo para responder.

- Você sempre fala assim?

- Quando estou nervosa, falo mais.

- Você está nervosa agora?

Pandora olhou para a rapieira, para a chuva, para qualquer coisa que não fosse o rosto dele.

- Quase sempre perto de você.

Kraw não transformou a confissão em brincadeira. Também não se afastou.

- Eu não sei o que consigo oferecer.

- Não pedi nada.

- Eu sei.

- E não vou fingir que não sinto porque isso parece mais respeitável. Gostei de você antes de Iria morrer. Continuei gostando depois. Isso me deixa com medo de parecer alguém esperando a porta abrir. Não estou. Se você nunca quiser atravessar essa distância, eu ainda vou lutar ao seu lado e procurar meu irmão.

Kraw tocou a pedra entre os dois.

- Obrigado por dizer sem me obrigar a responder.

- É uma especialidade minha. Desfazer obrigações falsas.

Ravena soltou um som que poderia ser riso.

## VIII. Os nós de Vespera

O ataque à Travessa revelou que fragmentos do Coro Oco haviam se instalado em pontos de memória coletiva. Não eram criaturas independentes. Eram nós: pequenas estruturas que aprendiam relações, imitavam hábitos e preparavam a cidade para aceitar substituições.

Iria deixara um mapa incompleto. Dorian usara registros de restauração para distribuir quatro nós em lugares onde arte e identidade se encontravam: a sala de figurinos do Palco da Lanterna, uma galeria de retratos da Ópera, o arquivo inundado sob o antigo cais e a torre acústica do Salão do Pássaro Canoro.

O primeiro nó vivia em tecido.

No Palco, figurinos começaram a vestir-se sem corpos. Repetiam gestos de atores mortos, abraçavam pessoas com mangas vazias e sussurravam falas que ninguém lembrava ter escrito. Kraw e Pandora atravessaram corredores tomados por roupas em movimento. Ele cortava linhas sem rasgar tecido; ela identificava quais pontos guardavam Eco e quais eram apenas costura. Nessa guiava-os por cenas antigas, reconhecendo de qual peça cada gesto fora roubado.

O segundo nó vivia em imagem.

Na galeria da Ópera, retratos trocaram expressões e parentescos. Lucian encontrou o rosto de Oren sobre o corpo de um homem condenado por traição. Ariane viu a própria juventude numa pintura anterior ao nascimento. O nó atacava oferecendo versões mais convenientes da história. Pandora assumiu forma de águia para romper a simetria visual; Kraw usou reflexos nos vidros para lutar sem olhar diretamente as figuras.

O terceiro nó vivia em água.

O arquivo sob o cais estava parcialmente inundado. Cada passo criava ecos de passos que não haviam ocorrido. Corven quase seguiu a voz da mãe por um corredor submerso. Pandora mergulhou em forma híbrida, asas inúteis e braços cobertos de penas, para alcançar a Âncora presa sob uma viga. Kraw manteve afastadas formas que emergiam com rostos de pessoas desaparecidas. Quando Pandora ficou presa por uma corrente de ausência, ele abandonou a posição segura e mergulhou sem hesitar.

Ela acordou na margem com Kraw pressionando o próprio manto contra o corte em seu braço.

- Você não sabe nadar bem - disse Pandora.
- Descobri no processo.
- Isso foi uma decisão péssima.
- Corven concordou antes de você recuperar a consciência.

Pandora riu e depois chorou sem aviso. Não por medo de morrer. Por ter sido escolhida no instante em que Kraw não podia ter certeza de que chegaria a tempo. Kraw não perguntou o motivo das lágrimas. Apenas permaneceu.

O quarto nó aguardava na torre acústica.

Era o mais forte. Alimentava-se de todas as vozes que haviam atravessado o Salão. Quando o grupo entrou, ouviu Seraphine.

## IX. A voz que sabia onde ferir

A voz de Seraphine chamou Kraw pelo apelido que apenas ela usava durante treino.

- Terceiro verso.

Kraw congelou. Pandora sentiu o Pulso dele alterar-se como uma corda apertada demais. A torre estava vazia, exceto por placas de bronze e cilindros de gravação. Ainda assim, Seraphine parecia respirar atrás de cada parede.

- Você chegou tarde - disse a voz. - Iria morrer porque você hesitou.

Kraw empalideceu.

Pandora reconheceu a crueldade técnica. O nó não inventava ao acaso; lia relações e escolhia a frase mais eficiente para transformar dor em obediência.

- Isso não é ela - disse.

- Como sabe? - perguntou Kraw, sem desviar os olhos da escuridão.

- Porque quer uma resposta simples.

A voz mudou.

- Pandora. Elias esperou por você em Cérulo. Você demorou dois anos.

Pandora sentiu a própria certeza vacilar. O som reproduzia Elias com perfeição, inclusive a pequena falha no "r" quando estava cansado. Ravena gritou e bateu as asas contra a placa de bronze. O vínculo transmitiu uma impressão: cheiro errado.

- Não é ele - disse Pandora, agora para si mesma.

O nó lançou ondas de memória. Kraw viu Iria viva junto à mesa. Pandora viu Elias no alto das ruínas. Lucian ouviu Oren dizer que finalmente o reconhecia por mérito. Nessa ouviu Seraphine chamá-la de grande dramaturga. Cada ilusão oferecia exatamente o que faltava.

Horizonte Partido exigia que Kraw e Pandora não acreditassem na mesma mentira ao mesmo tempo.

Pandora fechou os olhos e nomeou o padrão. Pulso: desejo. Traço: voz. Âncora: placas de bronze. Eco: presença. Kraw moveu-se pelo som de sua análise, sem olhar Iria estendendo a mão. A cada palavra de Pandora, a rapieira encontrava um parafuso, um fio, uma borda. A torre respondeu com gritos de todas as pessoas amadas.

- Agora! - disse Pandora.

Kraw cortou.

O nó se abriu como garganta. Dentro havia um cilindro gravado com a voz verdadeira de Seraphine, mas as palavras eram diferentes:

"Se ouvir isto, o Véu encontrou o Palco Sem Plateia. Não confie no rosto do Crítico. Confie no que ele tenta fazer você esquecer."

A gravação terminava com uma sequência de quatro notas.

Liora, ao ouvi-las horas depois, deixou cair o arco.

- Eu conheço isso - disse.

Ela tocara as mesmas notas em sonhos desde criança.

## X. A irmã que não era chave



*Liora não é uma chave passiva: sua música e suas decisões abrem a Margem Nula.*

Kraw tentou impedir Liora de continuar antes mesmo de ela anunciar que continuaria.

- Não - disse.

- Eu ainda não falei.

- Conheço a posição do seu queixo.

- Então sabe que não vai funcionar.

A discussão começou na oficina e atravessou duas salas. Mirella permaneceu em silêncio até que Kraw dissesse que Liora não entendia o perigo. Então pousou a tesoura.

- Ela entende o bastante para decidir se quer entender mais.

Kraw olhou para a mãe como se tivesse sido traído por uma aliada natural.

Liora explicou que as quatro notas da gravação existiam no centro de sua composição incompleta. Não as escolhera conscientemente. Sempre estavam ali, reaparecendo quando tentava remover. Pandora examinou o

violino, o arco, as partituras e a memória corporal da jovem. Não encontrou feitiço imposto. Encontrou uma relação antiga, talvez criada quando Seraphine tocara perto de Liora ainda criança.

- Você não é um objeto encantado - disse Pandora. - E não é apenas uma chave. A música responde porque você a desenvolveu. A relação pertence a você também.

Liora gostou dela por isso.

O grupo decidiu realizar o teste no Palco da Lanterna, com proteções, rotas de fuga e todos os presentes. Garran reforçou portas. Corven preparou sedativos e antídotos. Nessa escreveu instruções em letras grandes. Lucian trouxe cilindros de gravação. Kraw permaneceu perto da irmã com a tensão de uma lâmina guardada.

Liora começou a tocar.

As quatro notas abriram um intervalo que nenhuma quinta nota conseguia preencher. O palco perdeu profundidade. As cortinas pareceram distantes e próximas. As pessoas continuaram visíveis, mas seus vínculos se alongaram em fios de luz. Pandora viu a Cicatriz de Ausência surgir sob os pés de Liora.

- Pare - disse.

Liora não ouviu.

A música puxou-a para baixo sem mover o corpo. Seus olhos ficaram brancos, não por luz, mas por falta de imagem. O arco continuou sozinho.

Kraw avançou. Pandora o segurou.

- Se tocar nela sem desfazer o Traço, você entra junto.

- Então entre comigo.

A frase não foi heroica. Foi pedido.

Pandora abriu o Livro das Margens Altas. O Inscrito desenhou uma porta sem dobradiças. Ravena pousou no ombro de Liora e enviou, pelo vínculo, um mapa de urgência. Kraw colocou a rapieira no chão. Pandora segurou a mão dele. Juntos atravessaram a Margem Nula.

## XI. A Margem Nula

A Margem Nula não era outro mundo. Era o lugar onde relações cortadas permaneciam sem conseguir decidir se haviam deixado de existir.

Kraw e Pandora caminharam sobre um palco feito de lembranças incompletas. Havia paredes que terminavam antes do teto, vozes sem bocas, objetos que conservavam a marca de mãos esquecidas. Liora tocava no centro, distante como uma estrela vista por água.

Ecos os cercaram. Não eram Coro Oco. Eram vestígios de pessoas, lugares e nomes retirados de registros. Alguns repetiam um gesto. Outros apenas esperavam que alguém os reconhecesse. Pandora sentiu a busca por Elias tornar-se uma dor física. Qualquer sombra podia ser ele. Qualquer voz podia ser armadilha.

Kraw ouviu Seraphine primeiro.

- Terceiro verso.

Desta vez, a voz não acusou. Corrigiu o pé dele.

Uma figura apareceu atrás de uma cortina inexistente. Seraphine parecia mais velha, exausta, linhas cinzentas atravessando os braços como costuras. Não estava inteiramente ali. Parte do corpo pertencia a outro lugar.

- Você está viva - disse Kraw.

- O suficiente para ser usada.

Ele tentou aproximar-se. A distância aumentou.

- Onde?

- No Palco Sem Plateia. Sob a Ópera. Não procure a porta. Procure o aplauso que ninguém lembra ter dado.

A voz falhou. Kraw quis perguntar tudo. Seraphine olhou para Pandora.

- A água procura o irmão.

Pandora não respirou.

Outro som atravessou a Margem. Um assobio de três notas. Elias usava-o para chamá-la quando crianças.

- Pandora?

Ela virou-se.

Elias estava do outro lado de uma extensão de água escura, mais magro, barba longa, uma cicatriz na testa. Não era lembrança perfeita. Era uma transmissão breve, sustentada pela música de Liora.

- Elias!

- Não venha ainda.

- Onde você está?

Ele olhou para algo atrás de si.

- Cérulo. Abaixo da torre quebrada. A Cripta das Marés Mudadas. Eles me usam para manter um caminho que não deve existir.

- Quem?

- O homem cinzento não é um homem. É uma função. Um rosto continua enquanto outro desaparece.

A água começou a subir.

- Elias, espere!

- Termine o que começou em Vespera. Depois venha. Não confie no céu sem pássaros.

A transmissão se rompeu.

Pandora caiu de joelhos. Kraw segurou-a. Por um momento, ela foi a pessoa incapaz de mover-se e ele o que permaneceu sem tentar resolver.

Liora errou uma nota. A Margem Nula fechou-se sobre os três.

Para sair, precisavam alcançar a música antes que os vestígios os confundissem com algo apagado. Kraw e Pandora lutaram não com lâmina e feitiço, mas com lembranças precisas. Ele recitou a primeira frase que Iria lhe dissera. Pandora descreveu a cicatriz real de Elias, no joelho esquerdo, adquirida aos onze anos. Cada detalhe verdadeiro reconstruía relação. A distância diminuiu.

Quando tocaram Liora, a música explodiu em som.

Os três voltaram ao Palco. Kraw caiu ao lado da irmã. Pandora permaneceu de pé apenas porque Ravena se prendeu ao tecido de sua roupa.

Liora abriu os olhos.

- Eu ouvi dois lugares - disse. - Um debaixo da Ópera. Outro debaixo do mar.

Pandora começou a chorar e rir ao mesmo tempo.

## XII. O homem que afinava silêncios



*Dorian Lys prepara a Casa dos Afinadores como experimento final do Coro Oco.*

Dorian tentou fugir de Vespera naquela mesma noite.

Iria havia previsto a rota. Na margem de uma requisição de douramento, desenhara três pequenos círculos ligados por uma linha. Dália reconheceu o símbolo como indicação de retirada por serviço. Lucian reconheceu o armazém. Tessa reconheceu o carroceiro. Bram, pela primeira vez na vida, guardou um rumor até que fosse útil.

O grupo encontrou Dorian na antiga Casa dos Afinadores, prédio abandonado perto do canal norte. Ele não estava sozinho. Fragmentos do Coro Oco pendiam do teto como sinos sem badalo. Cada um continha uma relação roubada: o reflexo de uma mãe, a voz de um professor, o hábito de um amante, a postura de um morto.

- Vocês chamam isso de monstruoso porque ainda valorizam o ruído - disse Dorian. - Toda guerra começa com vontades que recusam o mesmo compasso.

- E toda prisão começa com alguém convencido de que o compasso dele é paz - respondeu Nessa.

Dorian olhou para Kraw.

- Você poderia ter sido magnífico. Sua arte já conduz atenção sem violência aparente. O Crítico só queria ensinar-lhe a concluir o gesto.

- Admiração não é obediência.
- É uma versão incompleta dela.

Pandora sentiu o padrão do prédio. Dorian havia preparado a Casa para dividir o grupo por vínculos. Portas fechariam entre pessoas que confiavam umas nas outras. Vozes de mortos ofereceriam rotas diferentes. O inimigo não queria vencer por força. Queria provar que relações eram falhas de arquitetura.

Kraw e Pandora entraram juntos mesmo sabendo que o prédio tentaria separá-los.

A primeira sala usou Iria. Não como cópia, mas como possibilidade: viva, irritada, dizendo a Kraw que tudo fora teste. Ele quase parou. Pandora não negou a beleza da mentira.

- Eu também queria que fosse verdade - disse. - Mas ela não pediria que você abandonasse os vivos para segui-la.

Kraw atravessou a imagem.

A segunda sala usou Elias. Pandora ouviu o irmão chamá-la para uma porta lateral. Kraw colocou a rapieira diante da passagem.

- O verdadeiro disse para você não ir ainda.

Pandora fechou os olhos e seguiu em frente.

A Casa falhou porque nenhum dos dois tentou possuir a dor do outro. Eles devolviam escolhas. Horizonte Partido tornou-se mais do que técnica de combate: Pandora expunha a mentira sem decidir por Kraw; Kraw cortava o caminho falso sem apagar o desejo que o tornava convincente.

No centro da Casa, Dorian vestiu o Coro.

### XIII. A batalha da Casa dos Afinadores

O corpo de Dorian se abriu em placas de bronze e vidro. Não era transformação completa, mas armadura de Ecos. Vozes atravessavam-lhe o peito, cada uma falando num ritmo diferente. Quando ergueu as mãos, o prédio inteiro respondeu.

Lucian ficou preso numa galeria de espelhos. Nessa e Corven enfrentaram sinos que apagavam instruções. Liora, protegida por Mirella e Garran no andar inferior, precisava sustentar uma nota contrária sem reabrir a Margem Nula. Ravena voou pelos dutos, arrancando fitas de registro.

Kraw e Pandora avançaram pelo salão principal.

Dorian atacava relações. Um golpe fez Kraw esquecer por que confiava em Pandora. Outro apagou do corpo dela a familiaridade com a forma de águia. Por alguns segundos, Pandora caiu de joelhos, braços presos entre anatomias. Kraw podia ter prosseguido até Dorian. Voltou.

- Olhe para mim - disse.

- Não lembro como termino a mudança.

- Não termine. Volte por partes.

Ele descreveu o que via: dedos, pulso, cotovelo, ombro, respiração. Pandora reconstruiu o corpo pela atenção dele. Quando se levantou, Dorian riu.

- Dependência. A falha mais fácil de explorar.

- Não - disse Pandora. - Relação. É diferente porque posso sair.

Ela saiu da mão de Kraw por escolha e transformou-se no salto.

A águia subiu até as vigas. Dorian lançou cópias aladas, mas nenhuma compreendia o voo como busca. Pandora não voava apenas para mover-se; voava para enxergar o que o chão ocultava. Viu o Traço principal correr da armadura até quatro cilindros. Mergulhou sobre o primeiro. Ravena atingiu o segundo. Lucian, libertado por Nessa, destruiu o terceiro. O quarto estava dentro do peito de Dorian.

Kraw correu.

Dorian retirou de si a voz de Iria.

- Kraw - disse ela. - Não faça isso.

A rapieira hesitou uma fração.

Pandora, já humana, não gritou que era falso. Pronunciou apenas:

- A escolha é sua.

Kraw chorou e avançou.

Pandora abriu o Traço. A armadura revelou uma linha do peito à garganta. Kraw cortou. Horizonte Partido atravessou Dorian sem perfurar o coração. A técnica destruiu a cooperação entre homem e Coro, deixando-o vivo e caído entre placas sem voz.

O prédio começou a desabar.

Corven alcançou Dorian. Nessa resgatou os registros. Lucian sustentou uma viga até Garran organizar a retirada. Pandora tornou-se águia para encontrar Liora na fumaça. Kraw voltou ao salão porque ouvira o cilindro de Seraphine continuar girando.

Encontrou uma última mensagem:

"A Décima Terceira Voz não abre a prisão. Decide quem permanece pessoa quando o Crítico troca os rostos."

Dorian, consciente apenas o bastante para ouvir, sorriu no chão.

- Vocês ainda procuram uma identidade - murmurou. - O Crítico é o lugar onde a identidade deixa de importar.

Depois perdeu os sentidos.

A Casa dos Afinadores caiu sobre os próprios silêncios, mas o grupo saiu com Dorian vivo, três caixas de registros, a localização do Palco Sem Plateia e uma certeza: o capítulo final de Kraw os levaria para baixo da Ópera.

## XIV. Quarenta e nove dias

Quarenta e nove dias se passaram entre a morte de Iria e a queda de Dorian.

Kraw contou sem querer. Não riscava calendário. Sabia pelo corpo, pelo número de manhãs em que acordara antes da culpa, pelo tempo necessário para conseguir entrar no Salão sem procurar Iria numa mesa. O luto não diminuiu de forma ordenada. Mudou de lugar. Alguns dias cabia no bolso junto à peça de bronze. Em outros, ocupava a oficina inteira.

Pandora não esteve ao lado dele em todos os momentos. Isso tornou sua presença mais verdadeira. Ela viajou por dois dias para confirmar mapas de Cérulo, passou noites com Corven estudando resíduos, ensinou Liora a reconhecer o início de uma abertura e discutiu com o Inscrito até o grimório fechar-se em protesto. Tinha vida, propósito e uma busca que não orbitavam Kraw.

Quando estavam juntos, falavam de coisas pequenas. Pão ruim. O hábito de Ravena de roubar objetos nobres. A teoria de Nessa de que Lucian possuía uma expressão específica para quando queria elogio. O medo de Pandora de mares profundos apesar de poder voar. A incapacidade de Kraw de cozinhar qualquer alimento sem transformá-lo em demonstração estética.

A atração cresceu nos intervalos em que nenhum dos dois tentava alimentá-la.

Certa noite, Kraw encontrou Pandora dormindo numa cadeira da oficina, o Livro das Margens Altas aberto no colo e Ravena escondida dentro do casaco. Cobriu-a com uma manta e sentiu culpa pelo carinho. Iria apareceu na memória não como acusação, mas como pessoa que teria revirado os olhos para sua tendência de transformar emoção em julgamento.

Na manhã seguinte, Kraw contou a Pandora.

- Pensei nela quando quis tocar seu rosto.

Pandora ficou quieta.

- Isso te incomoda? - ele perguntou.

- Me assusta menos do que se você tivesse parado de pensar nela.

- Não quero que você tenha de dividir espaço com uma morta.

- Eu não divido espaço com Iria. Ela tem o espaço dela. Eu tenho o meu, se existir.

Kraw encarou as próprias mãos.

- Existe.

Pandora sentiu o coração acelerar. Não se aproximou.

- Ainda não sei o que fazer com isso - ele continuou.

- Então não faça nada antes de querer.

Ela saiu para treinar com Liora. Kraw ficou olhando a porta, pela primeira vez consciente de que cautela também podia ser desejo acumulando forma.

## XV. O que Liora trouxe de volta

Liora recuperou-se da Margem Nula, mas não saiu intacta.

Durante dias, ouvia notas em objetos silenciosos. A chaleira repetia uma escala. Degraus produziam intervalos. Pessoas diziam uma frase e deixavam atrás de si uma ressonância que apenas ela percebia. No começo, Kraw tentou vigiar cada respiração da irmã. Liora o expulsou do quarto e pediu Pandora.

- Ele me olha como se eu fosse quebrar de novo.
- Ele olha todo mundo assim quando ama - disse Pandora.
- Não melhora.

Pandora ensinou Liora a fechar relações sem apagá-las. Usaram o violino como Âncora consciente, não prisão. Liora aprendeu a distinguir música própria de ecos invasivos. Ao final de duas semanas, conseguiu tocar as quatro notas sem abrir a Margem.

Então acrescentou uma quinta.

A nota revelou um mapa escondido dentro do som. Pandora desenhou enquanto Liora repetia. Era a costa de Cérulo, a torre quebrada e uma passagem que só emergia quando a maré baixa não correspondia ao ciclo lunar - sinal de interferência de Ressonância. No centro, a escrita de Elias apareceu por alguns segundos:

"CRIPTA DAS MARÉS MUDAS. CÂMARA DO FAROL AFOGADO. ÂNCORA VIVA."

Pandora levou as mãos à boca.

- Ele está lá.
- Estava quando deixou isso - corrigiu Liora, com a cautela que aprendera de Iria sem conhecê-la o suficiente.
- Sim. Estava.

A diferença doeu, mas Pandora aceitou.

O mapa era o chamariz para outra história, não o caminho imediato. Dorian caíra, mas o Crítico Cinzento mantinha Seraphine no Palco Sem Plateia. A Décima Terceira Voz estava quase completa e o final de Kraw exigia Vespera. Pandora quis partir naquela noite. Quis abandonar tudo, transformar-se e voar até as asas falharem.

Elias pedira que terminasse o que começara em Vespera.

Kraw encontrou-a no telhado.

- Se quiser ir, eu não vou pedir que fique.
- Isso é mentira educada.
- Quero que fique. Não quero transformar isso em obrigação.

Pandora olhou a cidade.

- Eu vou ficar até tirarmos Seraphine de lá e impedirmos o Crítico. Depois vou a Cérulo.
- E eu vou com você, se ainda quiser.
- A próxima história é minha.

Kraw sorriu, triste e verdadeiro.

- Então vou aprender a ser personagem secundário.

Pandora riu.

- Você vai sofrer.
- Pela arte, suportarei.

## XVI. A preparação para o último palco

Com Dorian preso numa ala segura da botica e vigiado por gente que não confiava em silêncio, o grupo organizou o que viria a seguir.

O Palco Sem Plateia ficava abaixo da Ópera, ligado a túneis usados durante a Noite dos Sinos Partidos. Seraphine permanecia ali como Voz-Matriz. O Crítico Cinzento preparava a substituição de identidades por uma harmonia em que nomes, vontades e memórias poderiam ser trocados sem que a cidade reconhecesse o crime.

A Décima Terceira Voz precisava de quatro suportes reunidos: o Caderno de Iria, o forro preparado por Mirella, a composição de Liora e o corpo treinado de Kraw. Pela primeira vez, todos sabiam ser parte do padrão. Isso mudava a ética da técnica. Nenhum suporte seria usado sem consentimento.

Kraw visitou Dália antes da missão. Entregou-lhe a peça de bronze que guardara por quarenta e nove dias.

- Era dela - disse.

Dália fechou os dedos sobre o objeto.

- E o que você guardou?

Kraw tocou o peito.

- O que não cabe em inventário.

Dália assentiu.

- Não use minha filha para justificar covardia. Ela odiaria.

- Sei.

- Também não use para justificar imprudência.

- Essa parte é mais difícil.

Ao sair, encontrou Pandora esperando na rua, não por vigilância, mas porque haviam combinado jantar com os demais. Kraw percebeu que desejava segurar a mão dela. Não fez. A demora já não vinha apenas do luto; vinha do respeito ao momento que ainda precisava escolher.

Na oficina, Liora ensaiou a composição. Nessa revisou o plano. Lucian trouxe chaves e mapas. Corven distribuiu frascos. Garran inspecionou lâminas. Mirella costurou o forro no casaco de Kraw com o décimo terceiro ponto visível.

Pandora preparou as próprias roupas para a Muda Alada. Ravena roubou um botão e devolveu dois.

- Depois do Palco Sem Plateia - disse Pandora a Kraw -, nada vai ficar simples.

- Já desistimos de simples há muito tempo.

- Quero dizer nós.

Kraw olhou para ela.

- Também quero falar sobre nós depois.

Pandora assentiu. Não pediu promessa. Havia aprendido que palavras empurradas antes da hora podiam parecer fechaduras.

Mas a história ainda não chegaria ao Palco Sem Plateia naquele capítulo. Antes do confronto final, Vespera precisava respirar. Kraw precisava escolher não apenas continuar vivo, mas permitir que a vida o tocasse novamente.



## XVII. Antes do amanhecer

Na noite anterior à descida sob a Ópera, Kraw não conseguiu dormir.

Foi à Escadaria das Chuvas. O céu estava limpo, raro o bastante para parecer suspeito. As pedras ainda guardavam umidade. Kraw treinou sem magia, repetindo a primeira guarda ensinada por Garran, a correção de Seraphine, o movimento que Iria ajudara a recuperar no Nono Vitral e o intervalo que Pandora abrira durante Horizonte Partido.

Ela apareceu em forma de águia e pousou no corrimão.

- Você está ficando previsível - disse ao voltar à forma humana.

- É reconfortante ouvir isso de alguém que me encontra em todos os telhados.

Pandora sentou-se num degrau. Kraw guardou a rapieira.

Por algum tempo, observaram Vespera. A Ópera brilhava ao longe. A oficina permanecia com uma janela acesa. O Salão do Pássaro Canoro mostrava o Nono Vitral reparado apenas o suficiente para não cair; a rachadura continuava visível.

- Tenho medo de beijar você - disse Kraw.

Pandora não esperava que a conversa começasse ali.

- De mim?

- Do que isso pode significar. Do que pode parecer. De estar tentando fugir de Iria. De você pensar que foi escolhida porque ela morreu. De eu pensar isso depois.

Pandora respirou devagar.

- Eu não quero ser recompensa por você sobreviver. Nem remédio. Nem prova de que superou alguém. Não quero que Iria precise desaparecer de você para eu caber.

- Ela não desapareceu.

- Eu sei.

- E você cabe.

Pandora olhou para ele.

Kraw continuou:

- Cabe quando discorda. Quando vai embora para investigar sem pedir licença. Quando fala de Elias até esquecer que está falando alto. Quando voa e me deixa com inveja. Quando não me salva da escolha. Cabe porque é você, não porque abriu um lugar.

Pandora sentiu os olhos arderem.

- Eu gostei de você quando ainda era inconveniente gostar.

- Você continua tendo gosto duvidoso.

- Iria teria concordado?

Kraw sorriu com tristeza leve, não devastação.

- Com entusiasmo profissional.

O nome dela entre os dois não quebrou o momento. Tornou-o honesto.

Pandora aproximou-se um degrau.

- Amanhã podemos morrer num teatro subterrâneo.

- Isso parece argumento dramático.

- Nessa está me contaminando.

- Ainda temos algumas horas para uma decisão sem necessidade tática.

Kraw levantou-se e estendeu a mão. Pandora aceitou. Ele a conduziu ao ponto mais alto da escadaria, onde a cidade inteira parecia uma partitura ainda por executar.

- Posso? - perguntou.

Pandora poderia ter respondido com uma piada, uma teoria sobre consentimento ou um discurso inteiro sobre como esperara que a escolha viesse dele. Escolheu uma palavra.

- Pode.

Kraw levou a mão ao rosto dela, parou a um sopro de distância e esperou o último assentimento. Pandora fechou a distância, e o beijo aconteceu sob a primeira claridade, sem substituir ninguém, sem prometer o que ainda não sabiam e sem pedir ao passado que deixasse de existir.